

## RECUPERAÇÃO, REFORMA E RESTAURO DO MERCADO MUNICIPAL ADOLPHO LISBOA:

Um relato técnico e sentimental

*Roger de Souza Abraham*

Arquiteto e Urbanista pela Universidade Santa Úrsula (RJ); Especialista em Sistemas de Energia pela UFAM e EFEI (MG); Professor de Arquitetura e Urbanismo na Universidade Nilton Lins, Manaus, Amazonas;  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3283857726350436>  
E-mail: [roger.abraham@gmail.com](mailto:roger.abraham@gmail.com)

*Ana Lucia Nascentes da Silva Abraham*

Arquiteta e Urbanista pela USU (RJ); Mestra em Sociedade e Cultura do Amazonas pela UFAM; Professora de Arquitetura e Urbanismo na Universidade Nilton Lins, Manaus, Amazonas;  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3581628943407987>  
E-mail: [ana.abraham@uniniltonlins.edu.br](mailto:ana.abraham@uniniltonlins.edu.br)

**Resumo:** Este artigo apresenta e comenta aspectos do memorial descritivo de projeto da última intervenção restaurativa no Mercado Municipal Adolpho Lisboa, que se iniciou na primeira década do século XXI, agora completando dez anos de sua reinauguração em 2013. O primeiro pavilhão do Mercado foi inaugurado em 1883 como o segundo mercado de ferro a ser montado no Brasil. Inscrito como monumento nacional em julho de 1987, respectivamente no Livro do Tombo Histórico e no Livro do Tombo Belas Artes, seu tombamento inclui os pavilhões e jardins, embarcadouro e trecho da margem esquerda do rio Negro onde está implantado. O Mercado está situado no Centro Histórico de Manaus, na orla centro-sul da cidade, consolidando-se ao longo de mais de 140 anos na mais tradicional área de comércio da cidade. Reinaugurado em 2013, após inúmeras paralisações da obra, cujos motivos eram mais políticos e administrativos do que técnicos, a obra contou com apoio de toda a comunidade manauara, mas, sobretudo, dos permissionários do mercado, que continuaram atendendo por anos em um espaço provisório anexo ao mercado enquanto aguardavam os serviços serem concluídos.

**Palavras-chave:** Mercado Adolpho Lisboa; Restauro; Memorial Descritivo; Monumento.

---

**Abstract:** This article presents and comments on aspects of the project description of the last restorative intervention in the Adolpho Lisboa Municipal Market, which began in the first decade of the 21st century, now completing ten years since its reopening in 2013. The Market's first pavilion was inaugurated in 1883 as the second iron market to be set up in Brazil. Registered as a national monument in July 1987, respectively in the Historical Listing Book and the Fine Arts Listing Book, its listing includes the pavilions and gardens, pier and section of the riverbank (process 1179-T-1985). The Market is located in the Historic Center of Manaus, on the center-south coast on the banks of the Rio Negro, consolidating itself over more than 140 years in the most traditional commercial area of the city. After numerous stoppages, the reasons for which were more political and administrative than technical, the work had the support of the entire Manauara community but, above all, of the market's permission holders, who continued to serve for years in a temporary space attached to the market while waiting for services. be completed.

**Keywords:** Mercado Adolpho Lisboa; Restoration; Descriptive memorial; Landmark.

## INTRODUÇÃO

Como arquiteto, nascido em Manaus e criado nos arredores da Praça dos Remédios – ou simplesmente “na rampa”, como os moradores e usuários da vizinhança dessa praça chamavam a área central de comércio e estivas de Manaus, que inclui o Mercado Municipal Adolpho Lisboa – o autor conviveu e frequentou a região do Mercado desde sua mais tenra idade, conhecendo seus moradores e permissionários pelos nomes e histórias (Figura 1).

Talvez influenciado por essa convivência precoce, foi sempre um apaixonado por mercados em geral, modernos ou antigos. Em todas as cidades do mundo por onde andou, a visita aos mercados locais eram uma parada técnica e obrigatória, por vezes afetiva e marcada por novas cores e sabores. Em todos eles, a evocação do Mercado estava presente, sobretudo naqueles construídos em ferro fundido e contemporâneos do nosso Adolpho Lisboa, como os da Boqueria e o de Saint Josep em Barcelona, o mercado central de Florença e o pequeno mercado de Orbetelo, pequena comuna italiana da região da Toscana, província de Grosseto, com apenas 15 mil habitantes. Além destes, cabe menção ao Mercatti di Rialto, em Veneza, há mais de cinco séculos vendendo sobretudo peixes e frutos do mar. Todos recentemente restaurados e adaptados para continuar sendo o que sempre foram: mercados.

Esses estabelecimentos, assim como o nosso Mercado Adolpho Lisboa, participaram da evolução social, cultural e urbana de seus respectivos entornos, preservando a interação entre o lugar e o fazer, sem modificar a função original do prédio e a relação com suas comunidades locais. As obras de restauros e adaptações desses mercados respeitam e valorizam não só o bem imóvel, como também sua função original de mercado, adaptando algumas novas funções de apoio ao turismo e suas conveniências.

Importante ressaltar que esse reconhecimento da atividade “mercado” como bem cultural é relativamente recente, sendo que no Brasil o século passado testemunhou a transformação de inúmeros mercados antigos de alimentos em “centros culturais” ou “de artesanato” e até em shopping centers, menosprezando o valor do saber fazer simples e das interações sociais diretas em favor de manifestações e relacionamentos culturais mais formais, porém para um público menor.

Esse conjunto de referências formado por exemplares de arquitetura semelhante, junto aos levantamentos cadastrais minuciosos efetuados no monumento pré-existente, aliados à vivência do arquiteto na área, formaram uma base essencial e única que o autor lançou mão para desenvolver o projeto do projeto de restauro e adaptação do Mercado Municipal Adolpho Lisboa, objeto deste artigo.

Figura 1: Vista da Praça e Igreja dos Remédios – cartão postal, sem data. No local da caixa d’água à esquerda, hoje esse situa o prédio que abrigou a Faculdade de Direito da Universidade Livre de Manaus, depois UFAM



---

Fonte: Manaus de antigamente<sup>1</sup>

## ANTECEDENTES DO LUGAR

A história do Mercado Municipal Adolpho Lisboa reflete de várias maneiras as transformações sociais, culturais e urbanas de Manaus, de maneira geral, e do entorno da “rampa”, em particular. Desde o estado natural do sítio do Mercado, antes da construção da Cidade da Barra de São José do Rio Negro até os dias de hoje, este lugar sofreu uma série de adaptações físicas que foram resultados das diversas necessidades econômicas, urbanas e sociais que se impunham a cada momento da história. Essas transformações, como podemos acompanhar, ainda estão em curso.

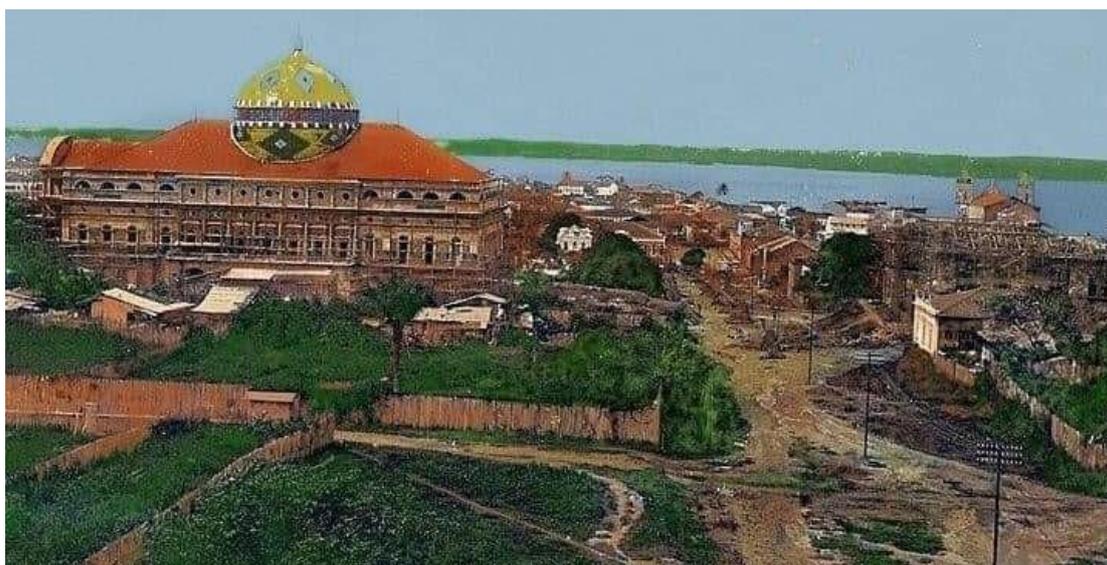
A formação do espaço urbano de Manaus é marcada por uma constante remodelação da paisagem natural original. Na medida em que seu sítio primitivo era caracterizado por pequenas elevações cortadas por igarapés e cobertas por densa floresta tropical, a ocupação humana se fez através de consideráveis rupturas desse perfil da paisagem original.

Uma das mais emblemáticas imagens dessa paisagem urbana amazônica do século XIX, mostra o conjunto urbano existente na época, a partir das imediações do Teatro Amazonas, em fase de conclusão, ainda com parte dos tapumes da construção apoiados em sua fachada oeste (voltada para avenida Eduardo Ribeiro). Essa fotografia colorizada por computação demarca os limites da Manaus de então, nas imediações da rua Leonardo Malcher, uma cidade em formação, em obras, ainda sem infraestrutura (Figura 2).

Figura 2: Teatro Amazonas e arrabaldes

---

<sup>1</sup> Disponível em: @manausantigamente



Fonte: Álbum do Amazonas. Manaus 1901-1902

Na condição de cidade cujo único acesso se fazia pelo rio – condição esta que se manteve até meados do século XX com o início dos vôos regulares da aeronave “Catalina”, da extinta companhia aérea Panair do Brasil – a construção de um cais é vista como estratégia de primeira necessidade para a vida e sobrevivência dos habitantes de então. Vários desses primitivos embarcadouros, denominados de “rampas”, eram construídos também fora do centro, como São Raimundo e Educandos, fosse na forma de aterros inclinados ou escadarias para facilitar a baldeação e transbordo de pessoas e mercadorias, bem como para se adequar às condições da variação natural do nível das águas do rio Negro, permitindo o acesso à praia que se formava em frente à cidade na época da vazante. A mais conhecida e antiga dessas “rampas” foi a “Rampa da Imperatriz”, a oeste da esplanada do Mercado, cuja construção se deu entre 1868 e 1870 e que hoje jaz sob o aterro da chamada Manaus Moderna, obra viária que foi embargada em 1988, pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, para proteção do monumento em face do aterramento da muralha do frontispício voltado para o rio, e da praia original (Figura 3).

Antes de qualquer edificação ser construída no local do mercado, havia uma feira, denominada Ribeira dos Comestíveis, localizada na esplanada formada entre as rampas da Praça dos Remédios, que era uma simples escadaria até a praia, e a “da Imperatriz”, pavimentada, que permitia o acesso de veículos até esta mesma praia onde, durante os meses de vazante, se processava o embarque e desembarque das mercadorias e passageiros transportados pelos navios a vapor de então.

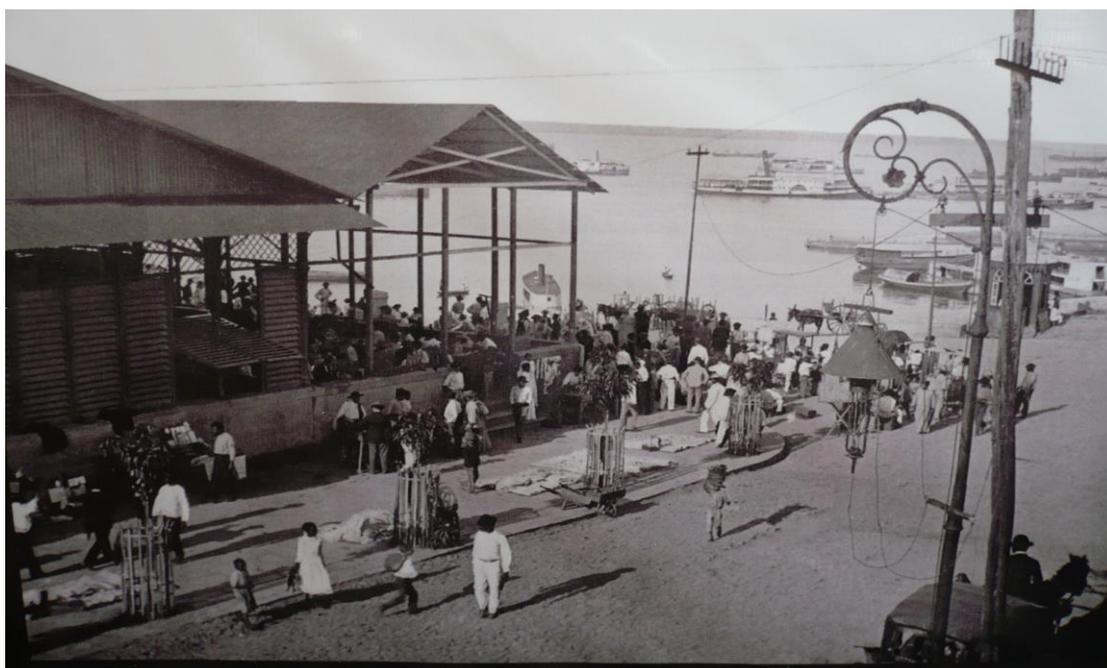
Figura 3: Vista da fachada oeste do Mercado mostra a ampliação para venda de carne com pequenos boxes. Em primeiro plano, o muro de arrimo da “Rampa da Imperatriz”.



Fonte: Álbum do Amazonas. Manaus 1901-1902

A partir da esplanada onde ficava a feira original a área vai se estender sob forma de sucessivos aterros de pequeno porte até que, a partir de 1903, são construídos os armazéns, prédios da Alfândega e Guardamoria, além do porto flutuante e toda a estrutura portuária ainda existente.

Figura 4: Foto mais antiga do Mercado, pela Rua dos Barés (fachada norte), já com o galpão aberto para venda de carne. À direita junto ao prédio, o ponto de embarque e desembarque na cheia. Ao fundo, à direita, se avista um navio a vapor



Fonte: Álbum do Amazonas. Manaus 1901-1902

Essa feira ao ar livre, pavimentada com paralelepípedos, foi então coberta com o que é a parte mais antiga do Mercado Adolpho Lisboa, o pavilhão central, inaugurado em 1883. Este pavilhão inicial foi logo complementado com duas construções anexas, a leste e oeste da primeira construção, destinados ao comércio de peixe e carne, respectivamente. (Figuras 4 e 5).

Estes dois “puxados” improvisados foram se transformando, substituídos por estruturas definitivas, pré-fabricadas em ferro fundido pela mesma metalúrgica que forneceu as peças da cobertura do pavilhão central, importadas de Glasgow e Edimburgo, na Escócia. As coberturas provisórias, no entanto, sobreviveram algumas décadas até serem enfim substituídas por outra, na intervenção de 1977/78.

Na sequência dessas primeiras construções, vieram de Glasgow e Edimburgo o Pavilhão das Tartarugas e os quiosques chamados de pavilhão Amazonas, ao leste, e Pará, a oeste deste.

Figura 5: O Mercado visto do rio durante a cheia. Já aparecem o anexo para venda do peixe, os banheiros e as construções que abrigavam as autoridades fiscais, onde hoje estão os pavilhões Amazonas e Pará.



Fonte: Álbum do Amazonas. Manaus 1901-1902

O Pavilhão Frontal, localizado ao norte do Pavilhão Central, de frente para a Rua dos Barés, em alvenaria ciclópica e de tijolos cerâmicos, foi o último setor do Mercado a ser construído. Foi concebido como uma arcada para cobrir parte da calçada da Rua dos Barés, afastada das janelas da fachada norte do pavilhão central, preservando as aberturas em venezianas de ferro e a ventilação cruzada. Logo após a reforma de Adolpho Lisboa ter sido concluída, o poço de ventilação e os arcos foram fechados, e a “*promenade*” (passeio coberto) transformada em boxes para comércio variado. As prospecções da obra de restauro em 2010, revelaram vestígios dos arcos do passeio coberto, ainda visíveis nas paredes deixadas com alvenaria original aparente (Figura 6).

Figura 6: Escada de ferro no setor de guarda e controle do Pavilhão Frontal, tendo ao fundo alvenaria original aparente para testemunho dos arcos do antigo passeio coberto na Rua dos Barés



Fonte: Acervo Roger Abraham (2013)

Ao longo de sua história de funcionamento, as laterais e os espaços abertos dentro do próprio Mercado Adolpho Lisboa foram tomadas por construções que atendiam uma variedade enorme de comerciantes e prestadores de serviços. Os usuários mais antigos devem lembrar do “consultório” do “Fozzi” e sua ótica Fleming, precursor de todos os oftalmologistas e óticas da cidade.

Em 1977, o então prefeito de Manaus, Cel. Jorge Teixeira de Oliveira (1973-1979) promoveu uma obra saneadora no Mercado Adolpho Lisboa, com a demolição da ocupação espúria das construções espontâneas não autorizadas e executadas ao longo de décadas de descaso. As construções em volta do Mercado e nos espaços abertos de seu interior, quase todas em madeira, foram demolidas. Contudo, os serviços e melhorias dessa intervenção no prédio antigo foram executados sem critérios que visassem a valorização da edificação histórica, ou que considerassem as atividades que funcionavam no Mercado como um bem cultural. Os tempos eram outros, a consciência de preservação por aqui ainda não havia despertado, o que só vai acontecer no Amazonas a partir de 1980 quando tem início o processo de construção do patrimônio cultural no Estado do Amazonas, durante um período aproximado de vinte anos, com a adoção de instrumentos jurídicos

---

específicos e de um discurso oficial nacional introjetado pelo governo estadual (Abraham, 2003, p. 12).

Em 1987, coincidindo com o tombamento federal do Mercado Adolpho Lisboa, implantou-se uma diretoria regional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, IPHAN, em Manaus, com jurisdição sobre os estados brasileiros da Amazônia Ocidental. Essa interface perene entre natureza e cultura, induziu à adoção de estratégias diferentes e não convencionais, no exercício da preservação do patrimônio nesses Estados que compõem a fronteira amazônica brasileira (Abraham, 2003, p. 12).

## **DIRETRIZES PARA O PROGRAMA E PROJETO DO MERCADO**

O principal objetivo da obra projetada, além da restauração do prédio propriamente dito, foi a valorização de sua função, que deveria continuar sendo o mercado que sempre foi; até porque o uso como “mercado” e sua função social foi relevante no tombamento pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, junto aos demais atributos históricos e artísticos da edificação, e à paisagem resultante de seu engaste na margem do Rio Negro.

Para tanto, uma série de compromissos entre o IPHAN, a Prefeitura de Manaus e os permissionários do Mercado, estabeleceram as diretrizes gerais para o projeto. A primeira e mais importante dessas diretrizes foi o compromisso de considerar o Mercado Adolpho Lisboa como bem cultural construído e bem imaterial, valorizando não só o prédio, mas sua função e o que ele representa para a comunidade manauara em termos culturais, históricos, artísticos e afetivos.

Essas diretrizes foram classificadas por temas que deveriam ser considerados no projeto, buscando equacionar os seguintes aspectos da intervenção: sanitários, comerciais e arquitetônicos, detalhados para fins do projeto e da obra, da seguinte maneira:

### **1. Aspectos sanitários**

O programa de necessidades a ser atendido pelo projeto de intervenção de 2010 no Mercado Adolpho Lisboa, previa a adequação das instalações, equipamentos, implementos e procedimentos, que cumprissem simultaneamente o Código Sanitário de Manaus (SEMSA/COVISA), o Serviço de Inspeção Federal – SIF, do Ministério da Agricultura e Abastecimento, para instalações que manipulam alimentos.

Ficou definido então, no programa, que as atividades do Mercado deveriam ser agrupadas por especialidades afins conforme o gênero de produto comercializado, para facilitar o atendimento das necessidades específicas de cada uma delas.

Dessa forma, um levantamento interno identificou seis zonas de atividades afins que exigiriam instalações e utensílios com características específicas: carne, peixe, hortifrutigranjeiros, estiva, artesanato e alimentação.

## *2. Aspectos comerciais*

Os aspectos comerciais da intervenção envolveram, principalmente, os responsáveis pelo projeto de arquitetura, a Prefeitura de Manaus e os permissionários que, após exaustivas negociações, estabeleceram que:

a) O número de postos de trabalho deveria se manter aproximadamente igual, mesmo que o número de concessões fosse reduzido;

b) Os permissionários atuais teriam preferência na ocupação dos boxes e bancas novas;

c) Os permissionários se comprometiam em acatar as novas locações da mudança de layout dos boxes e bancas determinadas pelo projeto, que definiu um novo zoneamento de atividades, priorizando o agrupamento de instalações afins, conforme diretrizes relacionadas aos aspectos arquitetônicos da intervenção.

Após estas considerações, a setorização do mercado ficou assim definida:

- **Pavilhão Central**: teve seu uso anterior mantido (comércio de secos e molhados e artesanato). Mas a organização dos boxes (layout) teve que ser drasticamente modificada, uma vez que todos os boxes construídos estavam colados às paredes originais ou emparedando os pilares. As figuras a seguir, mostram uma panorâmica do Pavilhão Central antes da intervenção, evidenciando os pilares de ferro da estrutura enclausurados pelos boxes de venda (Figura 7).

Figura 7: Interior do Pavilhão Central, antes da obra, com os boxes enclausurando a estrutura original de ferro



Fonte: Acervo Roger Abraham (2010)

- **Pavilhão das Tartarugas:** abrigava 8 (oito) cozinhas que emparedavam a estrutura original (Figura 9), com péssimas condições de segurança e sanitárias. No novo projeto foi destinado aos hortifrutigranjeiros.

Figura 8: vista do Pavilhão das Tartarugas antes da intervenção, com as sanefas improvisadas em lona plástica



Fonte: Acervo Roger Abraham (2010)

Figura 9: Vista interna do Pavilhão das Tartarugas, antes da intervenção, ocupado por diversas cozinhas com os tubos de exaustão rasgando a janela em vitral



Fonte: Acervo Roger Abraham (2010)

- **Pavilhões Amazonas e Pará:** o pavilhão Amazonas, a leste, abrigaria uma cozinha e o Pará a oeste, seria um quiosque para atendimento de turistas. Atualmente os dois abrigam cozinhas.

- **Pavilhões da Carne e do Peixe:** mantiveram seus respectivos usos; as bancas, no entanto, passariam a ser em aço inoxidável e soltas da construção original em um novo leiaute, e adaptadas aos novos sistemas de coleta de efluentes.

- **Pátios laterais:** localizados entre os pavilhões da carne e do peixe e o central foram destinados a duas praças de alimentação com 12 (doze) cozinhas de diferentes portes em cada. Uma nova cobertura, no entanto, deveria substituir a existente.

A cobertura nova foi projetada para resolver um grave problema criado pela inadequada cobertura construída em 1977/78, que permitia que as chuvas penetrassem tanto nos boxes que cobria, como nos do pavilhão central. De certo modo, foi pensada para ser a “assinatura” da intervenção contemporânea.

### **3. Aspectos arquitetônicos**

---

Além das diretrizes e exigências decorrentes do atendimento relativo aos aspectos comerciais e sanitários, o projeto de reforma, adaptação e restauro do Mercado teve que assumir alguns compromissos prévios como parte do programa, como seguem.

O primeiro compromisso assumido pelo projeto foi com o monumento, propriamente dito: nenhum dos novos elementos ou equipamentos, indispensáveis para atender as necessidades que se impunham pelas adaptações exigidas, seria, de nenhuma forma fixado, embutido ou apoiado no prédio original, ou encobriria qualquer dos elementos arquitetônicos originais; ou seja, o prédio antigo deveria ficar visível em todos os seus detalhes e nada poderia interferir visualmente nos elementos a serem restaurados.

O segundo compromisso foi com as posturas sanitárias, municipais e federais, relacionadas ao comércio e manipulação de alimentos. Este segundo compromisso condicionou a escolha e especificação dos revestimentos de pisos e paredes, além de nos obrigar ao desenvolvimento e detalhamento de um sistema especial de drenagem e limpeza para os pavilhões da carne e do peixe.

O terceiro compromisso que o projeto deveria obedecer seria a manutenção, dentro do possível, dos postos de trabalho, uma vez que o número de permissionários após a reforma seria menor do que a existente.

O quarto compromisso, que de certa forma sintetiza todos os anteriores, é o de tratar o Mercado como um estabelecimento comercial contemporâneo, com as atividades afins agrupadas, e a utilização de equipamentos, revestimentos e instalações mecânicas e sanitárias adequadas aos fins a que se destinam, bem como os procedimentos de manutenção e limpeza.

Na verdade, o objetivo final era um mercado modelo. E assim foi feito.

## **O PROJETO E A OBRA**

Durante as obras do Mercado, entre muitos visitantes ilustres destacamos a do arquiteto pernambucano Geraldo Gomes da Silva, reconhecido por sua obra seminal “Arquitetura do Ferro no Brasil” (Silva, 1986).

Numa das longas conversas no canteiro de obras do Mercado, o arquiteto Geraldo Gomes fez uma observação definitiva em se tratando desse

---

gênero de obra, ao comentar que projetos de restauro e reforma em prédios antigos não são projetos realmente, são, no máximo, uma hipótese.

O fato de projeto e obra estarem juntas no presente artigo é um reconhecimento à exatidão e propriedade das palavras de Geraldo Gomes, uma vez que foram inúmeras as vezes que tivemos que rever o projeto desenvolvido, em função dos achados arqueológicos ou mesmo das prospecções em elementos pretéritos recém revelados na própria arquitetura do monumento Mercado. A seguir, apresentamos alguns momentos.

### *1. Levantamento cadastral e diagnóstico*

Como primeira tarefa a executar foi imperioso um levantamento e cadastramento arquitetônico do Mercado, mais detalhado do que os levantamentos fornecidos pelo IPHAN e pela Prefeitura de Manaus, que apesar de iconograficamente corretos, apresentavam muitas lacunas nas informações técnicas para efeitos de elaboração dos projetos necessários. Nos documentos técnicos do projeto (desenhos e especificações), este levantamento foi identificado pelo termo “disponibilizado”, significando o levantamento da arquitetura do monumento, a estrutura de ferro e a de alvenaria, com a exclusão de todos os elementos que não originais, por exemplo, os boxes e adições espúrias do lado externo ao edifício.

A identificação, localização e quantificação dessas ocorrências deveriam constar de um mapeamento de danos, cuja realização ficou a cargo da Unidade Executora do Projeto MONUMENTA – UEP/Manaus, convênio da Prefeitura de Manaus com o IPHAN, alocado na Fundação Municipal de Eventos e Turismo – MANAUSTUR. Uma vez que essa importante etapa nunca foi concluída, comprometendo assim o diagnóstico prévio a qualquer intervenção em monumento federal, os cuidados tiveram que ser redobrados durante a execução da obra.

A empresa Cerne Engenharia executou o levantamento do monumento, bem como o mapeamento dos danos estruturais e o diagnóstico do estado de conservação da estrutura, tanto de ferro quanto de alvenaria (ciclópica e de blocos cerâmicos). As Especificações Gerais de Restauro apresentadas pela empresa, traziam, de forma sucinta, a descrição de patologias com as ocorrências verificadas e recomendava terapias de forma genérica para o restauro dos elementos construtivos e artísticos do monumento Mercado Adolpho Lisboa.

---

Assim mesmo, ao longo da execução da obra fomos brindados com várias surpresas e achados arqueológicos, exigindo acompanhamento e constante modificação do projeto, como previra o mestre Geraldo Gomes.

## *2. Restauros*

Ao assumir como natureza dessa intervenção a decisão de expor o prédio original restaurado na sua integralidade e eliminar todos os acréscimos construídos e fixados na estrutura antiga, bem como o compromisso de respeitar esta diretriz de ocupação nos projetos que seriam desenvolvidos, viabilizou enormemente seu desenvolvimento.

Segue um breve relato sobre as especificações dos projetos executados mais relevantes.

### *A estrutura e adereços de ferro*

A recuperação da estrutura, grades e adereços de ferro foi executada conforme mapeamento de danos e especificações desenvolvidas pela Cerne Engenharia. As peças estruturais em ferro fixas (pilares e vigas) foram jateadas com microesferas de vidro, no próprio canteiro, e receberam pintura contra oxidação. As grades e adereços mais leves foram desmontados, transportados para uma oficina montada fora do canteiro e, também, jateados com microesferas de vidro, para receber em seguida a mesma pintura contra oxidação aplicada nas peças estruturais; depois retornavam para ser remontadas nos seus locais de origem.

### *Alvenarias*

Os serviços de recomposição, impermeabilização e pintura dos elementos de alvenaria ciclópica e blocos cerâmicos foram executados conforme as recomendações prévias da empresa Cerne Engenharia para as terapias a ser aplicadas nos elementos em processo de recuperação. Para evitar conflito do restauro com as indispensáveis instalações elétricas, de segurança e comunicações, entre outras, optou-se por executar todas as instalações complementares (eletricidade, comunicação, segurança e hidro sanitárias em tubulações aparentes).

Numa visita ao Mercado Adolpho Lisboa atual, podem ser contemplados os resultados do excelente trabalho realizado por nossos artífices e mestres em cantaria, como por exemplo, onde foi deixada uma janela de prospecção para expor um pequeno trecho da alvenaria ciclópica original. Da mesma forma, o peitoril do Pavilhão Central (Figura 10), as

sapatas dos pilares de ferro fundido à mostra também no Pavilhão Central (Figura 11) e a base dos pilares de ferro dos Pavilhões da Carne e do Peixe.

Figura 10: Peitoril em pedra aparente, excelente execução de trabalho de cantaria em pedra jacaré



Fonte: Acervo Roger Abraham (2013)

Figura 11: Base da coluna de ferro fundido da estrutura original apoiada sobre bloco de pedra



Fonte: Acervo Roger Abrahim (2013)

### *Esquadrias*

Considerando que as esquadrias de madeira existentes ainda eram originais da época da construção do Mercado, apesar dos remendos e concertos, todas foram recuperadas, impermeabilizadas e pintadas conforme modelos existentes.

As históricas venezianas de ferro foram recuperadas com a mesma tecnologia usada no restauro e limpeza dos outros elementos de ferro.

### *Coberturas*

O monumento Mercado apresenta quatro tipos diferentes de cobertura, a saber:

- 1) Estrutura e telha ondulada em metal: pavilhão central e das tartarugas;
- 2) Estrutura de madeira e telha francesa: pavilhão frontal;
- 3) Estrutura mista (madeira e metal) e telha escamada em metal: nos pavilhões da carne, do peixe;
- 4) Estrutura e telha escamada em metal: nos pavilhões Amazonas e Pará.

Todos os telhados ainda se apresentavam com suas estruturas e revestimentos originais, apesar do péssimo estado de conservação, tanto das estruturas como dos revestimentos. As coberturas foram desmontadas e reconstruídas exatamente como as originais; para atender a demanda específica por telhas metálicas escamadas, não mais fabricadas, foi necessário montar uma pequena oficina no próprio canteiro de obras para estampar as telhas necessárias (Figuras 12, 13 e 14).

Figura 12: Fixação do telhamento em escamas de metal já restauradas



Fonte: Acervo Roger Abraham (2012)

Figura 13: Pintura das telhas em escamas metálicas, no próprio canteiro de obras



Fonte: Acervo Roger Abraham (2012)

Figura 14: Pequena oficina no canteiro de obras, para estamparia das telhas escamadas em metal



Fonte: Acervo Roger Abraham (2012)

### *Demolições*

No caso do Mercado, as demolições representavam um elemento de enorme importância, uma vez que cuidados especiais na execução dos serviços deveriam ser tomados, não só para não danificar o elemento original, mas, também, prevendo o aproveitamento de muitos elementos e materiais utilizados, principalmente os pisos em pedra de lioz.

Foram as seguintes operações de demolição levadas a cabo:

- a) No Pavilhão Central: todos os boxes construídos em alvenaria na década de 1970, que estavam emparedando os pilares e as paredes laterais (conforme figuras já mostradas neste artigo) foram demolidos para livrar os elementos originais do prédio que passariam a ser expostos.
- b) No Pavilhão das Tartarugas: as oito cozinhas existentes, todas em alvenaria e emparedando a estrutura original foram demolidas.
- c) Todas as áreas não ocupadas pelas “construções” da intervenção de 1979 estavam revestidas com pedras de lioz, vindas de Portugal, que foram removidas com os cuidados necessários para o seu integral reaproveitamento (Figura 15).

Figura 15: Blocos de pedra de lioz retirados do piso para recuperação e reassentamento



Fonte: Acervo Roger Abraham (2012)

- d) Nos dois pátios laterais, entre o Pavilhão Central e os Pavilhões da Carne e do Peixe, havia uma cobertura construída na intervenção de 1979 que, em consequência de sua forma, permitia que a chuva entrasse tanto nos boxes abrigados por essa mesma cobertura, como no pavilhão central, obrigando os permissionários a “cobrirem” os vãos abertos com lonas plásticas (Figura 16).

Figura 16: Vista das cobertas improvisadas com lonas azuis, nas passagens entre os pavilhões



Fonte: Acervo Roger Abraham (2010)

### *Elementos de pedra*

As soleiras de concreto e de granitina executadas em pequenas reformas sem qualidade, foram removidas e substituídas por peças de granito bege Bahia, moldadas conforme os modelos remanescentes originais e o mapeamento desenvolvido pela Cerne e detalhamento do projeto de arquitetura.

### *Arqueologia*

Confirmando o parecer do arquiteto Geraldo Gomes, em conversa já citada neste artigo, de que projetos de restauro e reforma em prédios antigos não são projetos realmente, são, no máximo, uma hipótese, foram inúmeras descobertas arqueológicas na fase de demolições, que tivemos que incorporar ao projeto com a obra ainda em andamento, dentre as quais destacamos as seguintes:

#### *a) a escadaria*

Quando as primeiras lajes do piso em pedras de ilhós e da escada em granitina (resultado da obra de 1977/78) começaram a ser removidas, no pátio entre os pavilhões central e da carne, revelou-se a escada original que ligava este pátio à esplanada em frente ao antigo pavilhão das tartarugas.

Apesar de ter sido possível a sua restauração, optamos por expô-la da maneira que foi encontrada (Figura 17), mesmo que bastante danificada.

Figura 17: Escada revelada durante as obras, antes totalmente aterrada



Fonte: Acervo Roger Abraham (2012)

*b) as sapatas dos pilares do pavilhão central, do peixe e da carne*

No pavilhão central, ao serem demolidos os boxes construídos em 1977/78 e removido o piso original, as sapatas na base dos pilares de ferro ficaram à mostra. As peças, únicas, primorosas obras de cantaria em pedra jacaré estavam em perfeito estado de conservação.

A decisão de deixá-las expostas acarretou no trabalho de revisão de todas as cotas de níveis do projeto, mas o resultado valeu a pena (Figura 11).

*c) os parapeitos do pavilhão central*

O primoroso trabalho dos nossos maçons à época se estendeu a outras peças utilizadas na obra original do prédio. Os peitoris do pavilhão central estão entre esses elementos.

Estavam rebocados desde seu assentamento original. No entanto, a maestria do trabalho dos artesãos de então, merecia ser glorificada (Ilustração 18). E assim foi feito.

---

### 3. Elementos novos introduzidos

#### *Coberturas novas*

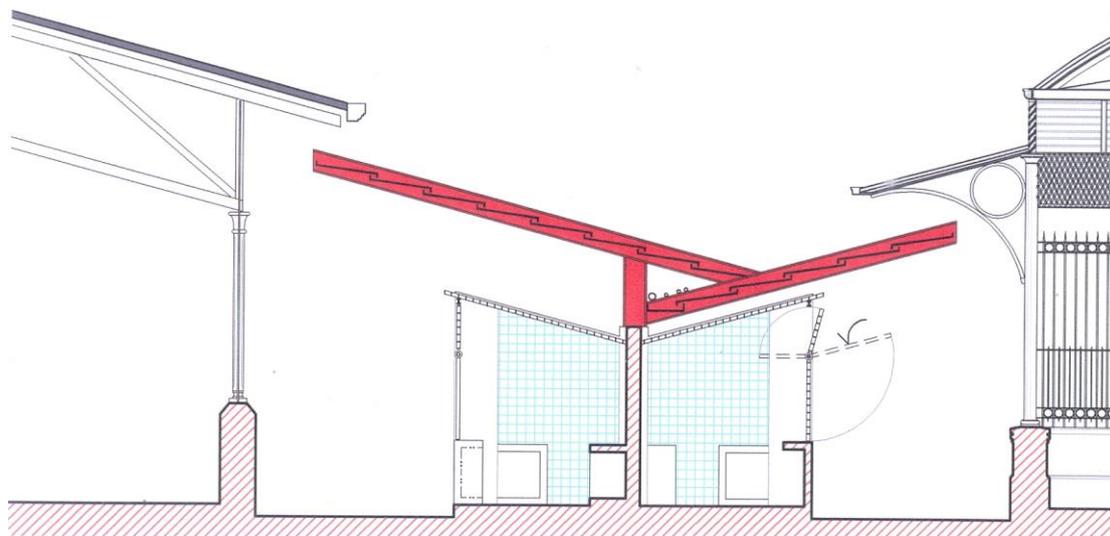
A cobertura nova das praças de alimentação, por força do programa, deveria atender diferentes necessidades, algumas pragmáticas, outras simbólicas, quais sejam:

- a) A primeira destas necessidades, por óbvio, é ser a cobertura das cozinhas das praças;
- b) A cobertura deveria solucionar o problema da penetração da chuva, improvisado com lonas plásticas;
- c) A estrutura nova, por dever de compromisso, deveria fazer referência e se harmonizar com elementos da construção original;
- d) Esta cobertura deveria ser a “assinatura” do projeto e da obra.

Os dois primeiros itens mencionados, foram solucionados com a projeção das duas águas da cobertura sob os beirais das coberturas dos pavilhões vizinhos e com um sistema de telhas que permite a iluminação e ventilação naturais dos boxes/cozinhas.

Em todo projeto e obra de restauro é previsto que as novas inserções que vão marcar a intervenção contemporânea, esteja em harmonia e dialogue com o edifício original. No caso do Mercado, a estrutura nova “conversa” com o prédio original através de dois elementos, principalmente: uma referência formal e outra, material. A formal se dá no partido plástico da estrutura da Praça de Alimentação, onde os caimentos das duas águas da cobertura nova acompanham os caimentos dos beirais dos pavilhões vizinhos sem, no entanto, se fixar ou, sequer, encostar nas estruturas antigas (Figura 21). A referência material é o aço da estrutura nova versus o ferro da estrutura original, cada um em seu tempo.

Figura 18: Desenho do projeto da nova cobertura das praças de alimentação



Fonte: Acervo Roger Abrahim (2012)

Idealizar e construir essas coberturas proporcionaram uma grande lição de vida, e de humildade profissional. O detalhe do desenho proposto para a terminação das vigas da cobertura nova, era mais reto do que o que foi construído. Explica-se: o mestre serralheiro responsável pela confecção e montagem das peças das novas estruturas metálicas, chamou o arquiteto de lado e ponderou que “...a viga projetada tinha uma terminação muito bruta e agressiva”, e propôs uma alternativa imaginada por ele próprio, trazendo inclusive um modelo em escala real para mostrar. Concordamos com suas ponderações e as vigas do mestre serralheiro foram construídas e estão lá hoje atestando a criatividade do artífice (Figura 22).

Figura 19: Harmonia e plasticidade nos desenhos das vigas antigas e novas



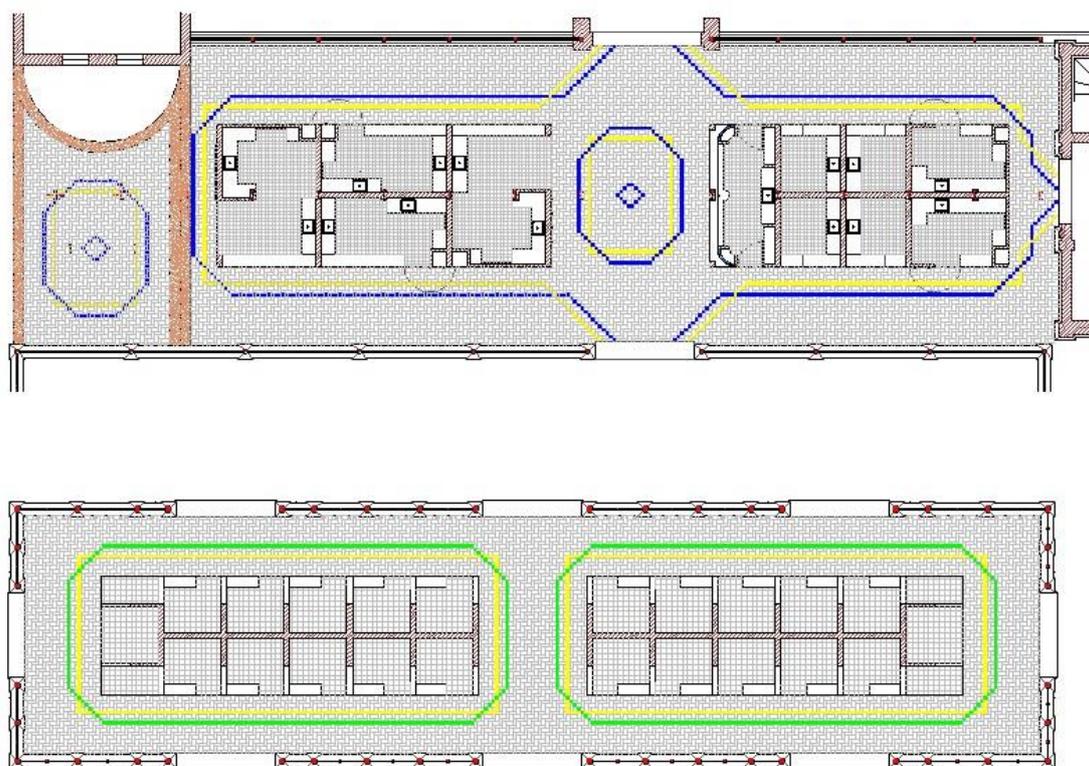
Fonte: Acervo Roger Abraham (2012)

### *Pisos*

As especificações propostas para os pisos dos diferentes espaços do Mercado determinavam que todas as áreas internas seriam revestidas com cerâmica Gail, piso especial para instalações que lidam com alimentação; e as áreas ao ar livre, calçadas inclusive, seriam revestidas com as pedras de lioz removidas do piso original.

O projeto detalhava as áreas revestidas com cerâmica Gail, com o leiaute de cada área e as cores escolhidas refletindo o uso definido para cada espaço: vermelho para o Pavilhão da Carne, azul para o Pavilhão do Peixe, verde para o de Hortifrutigranjeiros e assim por diante como pode ser visto no exemplo da Figura 20.

Figura 20: Esquema da proposta para paginação dos pisos do Pavilhão das Tartarugas e praças de alimentação



Fonte: Acervo Roger Abraham (2013)

No entanto, a comissão de acompanhamento da obra, num “ataque” explícito de saudosismo, determinou que o pavilhão central mantivesse o revestimento original em lioz.

Ponderei, à época, que esta opção não técnica era imprópria por diferentes razões, a ver:

- a) Não apresentava as características físicas necessárias para o atendimento das exigências sanitárias determinadas pela legislação municipal e federal para estabelecimentos desta categoria;
- b) As irregularidades naturais da pedra natural não permitiriam a fixação da sinalização de piso para deficientes visuais; e por fim,
- c) O número de peças removidas deixaria de ser suficiente para o revestimento das áreas a céu aberto.

Apesar das impropriedades apontadas, a resolução da comissão prevaleceu, acarretando hoje as consequências previsíveis: a irregularidade das pedras acumula água, as placas da sinalização de piso para deficientes

visuais soltaram todas, e o revestimento das áreas descobertas e calçadas tiveram de ser completadas com “pedra mineira”.

### *Identidade Visual e sinalização*

Como parte integrante do projeto executivo do Mercado Municipal Adolpho Lisboa, foi desenvolvido pelo designer gráfico Rodrigo Abrahim, todo um projeto de Identidade Visual e Sinalização, junto com um Manual de Utilização da proposta. Pela primeira vez na história de um bem cultural público tombado em Manaus, um projeto de sinalização gráfica, detalhado minuciosamente, foi executado e afixado antes da entrega da obra. Dessa forma, já a partir da inauguração em 2013, toda a sua organização interna renovada era oferecida de forma didática ao público, evidenciando tanto os setores e pavilhões, como os acessos de entrada e saída, além dos novos ambientes como as praças de alimentação, com um esquema cromático de cores quentes, com tons familiares aquele ambiente, ao mesmo tempo elegante e acolhedor.

Figura 21: nova sinalização e identidade gráfica – projeto do designer gráfico Rodrigo Abrahim



Fonte: Acervo Roger Abrahim (2013)

Figura 22: Placas suspensas de identificação dos setores, com padrão gráfico do projeto de sinalização



Fonte: Acervo Roger Abraham (2013)

### *Histórias dos bastidores (“causos” da obra)*

Dentre as inúmeras ocorrências heterodoxas relacionadas a essa última intervenção no Mercado Adolpho Lisboa, duas merecem destaque e relevância, uma vez que relacionadas a costumes ancestrais que merecem registro.

O primeiro “causo” foi a descoberta, durante os serviços preliminares de demolição, de duas jiboias com mais de três metros de comprimento, vivendo nos entreforros do Pavilhão Frontal. A criação desse tipo de serpente não peçonhenta era uma prática antiga e disseminada em Manaus, para o controle da praga de roedores antes do uso de venenos. Em algumas comunidades do interior ainda é usado.

O segundo “causo” é referente ao controle de vetores, de uma maneira geral (ratos, insetos e pombos, entre outros). O controle dos roedores se fez necessário uma vez que, mesmo com as jiboias, o número e porte dos roedores eram aterrorizantes, uma vez que o sítio do Mercado é contíguo ao do Porto de Manaus, zonas em que o trânsito desses animais é comum.

No entanto, quando íamos iniciar o controle da população de pombos, do ponto de vista sanitário tão nocivos quanto os roedores, houve uma reação contra os permissionários que não entendiam os pombos em seu aspecto nocivo. O efeito desse negacionismo cultural sobre a obra foi que a “cobertura” dos boxes do pavilhão central, que teria uma grade aberta para permitir plena ventilação destes, obrigou os permissionários a recobrir a estrutura metálica da cobertura com materiais diversos, de telhas plásticas a sacos de embalagem reutilizados que estão, no presente, recobertos com uma considerável quantidade de guano (fezes de pássaro).

Eventualmente, soubemos que os permissionários tentam afugentar os pombos, quando a população excede o aceitável, soltando rojões dentro do pavilhão, com todos os riscos que isso pode representar para o prédio.

O terceiro “causo” foi mais uma lição que a obra de restauro no Mercado proporcionou.

A visita do arquiteto Geraldo Gomes à obra aconteceu quando ainda estávamos na fase de demolições e, na visita ao canteiro uma particularidade na estrutura de ferro fundido nos chamou atenção: as grades externas do Pavilhão do Peixe e do Pavilhão da Carne, que tiveram suas bases cobertas por alvenaria na obra de 1977/78, à época da visita tinha acabado de ser removida. Notamos então que as peças de ferro fundido do Pavilhão do Peixe estavam visivelmente mais oxidadas do que as do Pavilhão da Carne, sem uma razão lógica para isso. Durante investigação sobre o fenômeno, chegamos mesmo a cogitar que a gordura dos peixes, tratados nas bancas do pavilhão, poderia ser mais cáustica do que a da carne.

Alguns meses mais tardes, a solução da charada veio após o pedido de um dos permissionários do Pavilhão do Peixe, para a colocação de um tipo qualquer de toldo para a fachada leste, que dava para a Travessa Tabelação Lessa, pois a quantidade de água que entrava era considerável, às vezes até impedindo o trabalho nas bancas desse lado do pavilhão. Ora, essa fachada era justamente aonde as grades de ferro apresentavam maior desgaste, a face leste, de onde provém os ventos dominantes e que recebe mais de dois terços das chuvas anuais; o que não acontece no pavilhão da carne, a oeste.

Mais uma vez e sempre, aprendendo com o monumento e seus usuários.

## REFERÊNCIAS

---

**ABRAHIM, ANA LUCIA N. S. O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL NO AMAZONAS. ORIENTADOR: ERNESTO RENAN DE FREITAS PINTO. 2003. 174 F. DISSERTAÇÃO (MESTRADO). PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA - PPGSCA, UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS, MANAUS, 2003.**

**KASUGA, YOSHIKO.; TAO, I. M. KOMACHI, HANAE. WORLD UP-SCALE SUPERMARKETS. TOQUIO, JAPÃO, SHOTENKENCHIKU-SHA Co. LTD., 2000.**

**MESQUITA, OTONI MOREIRA. MERCADO ADOLPHO LISBOA: HISTÓRIA E ARQUITETURA. MANAUS, FUNDO MUNICIPAL DE CULTURA, 2019.**

**SILVA, GERALDO GOMES. ARQUITETURA DO FERRO NO BRASIL. SÃO PAULO, STUDIO NOBEL, 1986.**